

VICTORIA SCHWAB

A
melodia
feroz

MONSTROS DA VIOLÊNCIA VOL. 1

Tradução

GUILHERME MIRANDA

S E G U I N T E

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2016 by Victoria Schwab

Publicado mediante acordo com a autora, aos cuidados da BAROR INTERNATIONAL, INC., Armonk, Nova York, EUA.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL This Savage Song

CAPA E CALIGRAFIA DA CAPA Jenna Stempel

FOTOS DE CAPA Shutterstock

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Schwab, Victoria

A melodia feroz : Monstros da Violência volume 1 /
Victoria Schwab ; tradução Guilherme Miranda. — 1ª ed.
— São Paulo : Seguinte, 2017.

Título original: This Savage Song.

ISBN 978-85-5534-041-3

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

17-03643

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br



/editoraseguinte



@editoraseguinte



Editora Seguinte



editoraseguinte



editoraseguinteoficial

Aos esquisitos, aos loucos e aos monstruosos.

*Muitos humanos são monstruosos,
e muitos monstros sabem se fazer de humanos.*

V. A. VALE

PRELÚDIO

Kate

NA NOITE EM QUE KATE HARKER DECIDIU BOTAR FOGO na capela da escola, ela não estava revoltada nem bêbada. Estava desesperada.

Incendiar o lugar era realmente seu último recurso; ela já tinha quebrado o nariz de uma menina, fumado no quarto, colado na primeira prova e insultado três freiras. Mas, o que quer que fizesse, a St. Agnes *perdoava*. Aquele era o problema das escolas católicas: viam você como alguém que precisava ser salvo.

Mas Kate não precisava disso; só precisava dar o fora dali.

Era quase meia-noite quando pisou na grama sob a janela do dormitório. A hora das bruxas, as pessoas diziam, quando espíritos conturbados saíam em busca de liberdade. Espíritos conturbados e adolescentes presas em internatos muito longe de casa.

Ela foi descendo pelo caminho de pedras que levava até a capela da Cruz. Carregava uma mochila nas costas, cheia de garrafas que tilintavam umas contra as outras no ritmo de seus passos. Só não havia cabido um vinho de safra do estoque particular da irmã Merilee, então Kate o levava na mão.

Devagar e baixo, os sinos da capela dos Santos tocaram. Ela era maior e ficava do outro lado da escola. Aquela igreja nunca estava completamente vazia — madre Alice, a diretora, madre superiora ou o que quer que fosse da escola, dormia em um quarto contíguo. Mesmo se Kate quisesse incendiar aquela capela em particular, não

seria idiota o bastante para ser acusada de homicídio também. Não quando o preço da violência era tão alto.

À noite, as portas da capela menor ficavam trancadas, mas Kate havia roubado uma das chaves mais cedo, durante um dos sermões da irmã Merilee sobre como encontrar a graça divina. Ela entrou e deixou a mochila atrás da porta. Os vitrais azuis ficavam pretos sob o luar, deixando a capela escura como Kate nunca tinha visto. Uns dez bancos a separavam do altar e, por um momento, ela quase se sentiu mal por botar fogo naquela capelinha charmosa. Mas não era a única capela da escola — nem mesmo a mais bonita — e, se havia uma coisa que as freiras da St. Agnes pregavam, era o sacrifício.

Kate já havia sido expulsa (sem incendiar nada) de dois internatos em seu primeiro ano de exílio e de mais um no segundo, esperando que fosse o último. Mas seu pai era determinado (ela tinha a quem puxar) e continuava apresentando opções. O quarto internato era na verdade um reformatório para adolescentes problemáticos, onde ela havia ficado por quase um ano. O quinto era uma escola só para garotos disposta a abrir uma exceção em troca de uma doação generosa. Durou apenas alguns meses, mas provavelmente seu pai já tinha reservado uma vaga naquela escola católica dos infernos, porque Kate foi mandada para lá sem nem passar pela Cidade V.

Seis escolas em cinco anos.

Mas aquela era a última. Tinha que ser.

Kate se agachou no piso de madeira, abriu a mochila e começou a trabalhar.

A noite ficou serena demais depois dos sinos, quando caiu um silêncio fantasmagórico na capela. Ela começou a cantarolar um hino religioso enquanto tirava as coisas da mochila: duas garrafas de uísque barato e outra menor de vodca, tudo obtido de uma caixa de bens confiscados, além de três garrafas de vinho tinto da casa,

um uísque envelhecido do armário da madre Alice e o vinho de safra da irmã Merilee. Kate enfileirou as garrafas em um dos bancos do fundo antes de atravessar a igreja até as velas de oração. Ao lado de três fileiras de pratos rasos de vidro ficava uma travessa com fósforos longos.

Ainda cantarolando, Kate voltou ao estoque de bebidas e abriu as várias garrafas, unguindo os assentos, fileira após fileira, certificando-se de que cobria todo o espaço. Ela guardou o uísque da madre Alice para o altar de madeira. Uma Bíblia repousava aberta ali e, num momento de superstição, Kate poupou o livro, arremessando-o na grama pela porta aberta. Dentro da capela o cheiro úmido e adocicado de álcool atacou seus sentidos. Ela tossiu e cuspiu para tirar o gosto ácido da boca.

Do outro lado do ambiente, um enorme crucifixo pendia sobre o altar. Mesmo com o salão escuro, Kate conseguia sentir o olhar fixo da imagem sobre ela enquanto erguia o fósforo.

Perdoe-me, pai, pois eu pequei, ela pensou, acendendo-o na moldura da porta.

— Não é nada pessoal — acrescentou em voz alta enquanto o fósforo ganhava vida, abrupto e incandescente. Por um longo tempo, Kate observou o fogo, crepitando em direção a seus dedos. E então, quando estava chegando perto demais, lançou o fósforo no assento mais próximo. O incêndio começou no mesmo instante e se espalhou com um som audível, consumindo apenas o álcool no começo, depois tomando conta da madeira. Em questão de segundos, os bancos pegaram fogo, e então foi a vez do piso e, por último, do altar. A chama cresceu, cresceu e cresceu, do tamanho de uma unha a uma labareda com vida própria. Kate ficou hipnotizada, observando-a dançar, subir e consumir centímetro após centímetro, até o calor e a fumaça finalmente a obrigarem a sair para a noite fria.

Corra, disse uma voz em sua cabeça — baixa, urgente, instintiva — enquanto a capela ardia.

Ela resistiu a esse impulso e se sentou num banco a uma distância segura do fogo, esfregando os sapatos na grama do fim de verão.

Se estreitasse os olhos, conseguiria ver no horizonte a luz da cidade-satélite mais próxima: Des Moines. Um nome arcaico, uma relíquia de um tempo anterior à reconstrução. Havia meia dúzia delas espalhadas pela periferia de Veracidade, mas nenhuma abrigava mais de um milhão de habitantes, e a população inteira permanecia trancada e confinada, sem jamais se aproximar da capital. Era essa a ideia. Ninguém queria atrair os monstros. Nem Callum Harker.

Kate tirou o isqueiro do bolso — um lindo objeto prateado que madre Alice havia confiscado na primeira semana — e ficou passando-o de uma mão para a outra. Elas tremiam, então tirou um cigarro do bolso da camisa — outro presente da caixa de objetos confiscados — e o acendeu, observando a pequena chama azul dançar diante da gigantesca labareda laranja.

Ela deu um trago e fechou os olhos.

Onde você está?, Kate se perguntou.

Era um jogo que fazia de vez em quando, desde que tinha aprendido sobre a noção de multiverso: a vida de uma pessoa não era exatamente uma linha, mas uma árvore, e cada decisão era um galho divergente, resultando numa pessoa divergente. Ela gostava da ideia de que havia centenas de Kates diferentes, vivendo centenas de vidas diferentes.

Talvez em uma delas não houvesse monstros.

Talvez sua família ainda estivesse inteira.

Talvez ela e sua mãe nunca tivessem saído de casa.

Talvez nunca tivessem voltado.

Talvez, talvez, talvez... E, se havia centenas de vidas, centenas de Kates, *ela* era apenas uma entre várias, exatamente a que deveria

ser. No fim, era mais fácil fazer o que precisava ser feito se conseguisse acreditar que, em outro lugar, outra versão dela pôde tomar uma decisão diferente e levava uma vida melhor — ou, pelo menos, mais simples. Talvez ela as estivesse poupando. Permitindo que outra Kate continuasse sã e salva.

Onde você está?, ela repetiu a pergunta.

Deitada num campo. Observando as estrelas.

A noite está quente. O ar, puro.

A grama está fria sob minhas costas.

Não há monstros na escuridão.

Que bom, pensou Kate, enquanto, diante de seus olhos, a capela ruía, lançando uma onda de brasas para o alto.

Sirenes soaram ao longe. Ela se empertigou no banco.

Lá vamos nós.

Em poucos minutos, as meninas tinham saído dos dormitórios. Madre Alice apareceu de penhoar, com o rosto pálido refletindo o vermelho da luz da igreja que ainda queimava. Kate teve o prazer de ouvir a velha e composta freira soltar uma série de palavrões pitorescos até os caminhões de bombeiros chegarem e as sirenes abafarem todo o resto.

Até mesmo escolas católicas tinham limites.

Uma hora depois, Kate estava sentada no banco de trás de uma viatura local, cortesia de Des Moines, com as mãos algemadas sobre o colo. O carro cortava a noite, atravessando a imensidão sombria de terra que formava a região remota no nordeste de Veracidade, para longe da segurança da periferia, rumo à capital.

Kate se remexeu no banco, tentando encontrar uma posição mais confortável enquanto o carro acelerava. Atravessar Veracidade inteira demorava três dias de carro, e ela imaginou que ainda falta-

vam umas boas quatro horas até a capital e uma hora até os limites do Ermo — mas um guarda local jamais guiaria uma viatura por um lugar como aquele. O carro não era muito reforçado, tinha apenas a proteção de ferro e faróis altos de RUV — reforço ultravioleta — lançando linhas cortantes na escuridão.

Os dedos do policial estavam brancos no volante.

Ela pensou em dizer para o homem não se preocupar, não ainda. Eles estavam longe; as fronteiras de Veracidade eram relativamente seguras, porque nenhuma das coisas que assolavam a capital estaria disposta a atravessar o Ermo para chegar até eles, não quando ainda havia gente de sobra para comer mais perto da Cidade V. Então ele lhe lançou um olhar maldoso, e Kate decidiu deixá-lo com sua angústia.

Ela virou a cabeça, encostando o ouvido bom no banco de couro enquanto encarava a escuridão lá fora.

A estrada à frente parecia vazia na noite densa, e ela examinou seu reflexo na janela. Era estranho como apenas as partes óbvias se destacavam no vidro escurecido — cabelo claro, queixo pontudo, olhos escuros. Não a cicatriz que lembrava uma lágrima seca no canto do olho, ou a que seguia a linha do cabelo da têmpora até o queixo.

Àquela altura, devia ter sobrado apenas o casco chamuscado da capela da Cruz.

A multidão crescente de meninas de pijama tinha feito o sinal da cruz diante daquela visão (Nicole Teak, cujo nariz Kate havia quebrado pouco antes, abriu um sorriso cruel, como se ela fosse ter o que merecia, como se não *quisesse* ser pega) e madre Alice havia orado por sua alma enquanto a escoltava para fora da propriedade.

Até nunca mais, St. Agnes.

O policial falou algo, mas as palavras se decomposeram antes de chegar até ela, restando apenas sons abafados.

— O quê? — ela perguntou, fingindo desinteresse enquanto virava a cabeça.

— Estamos quase lá — o policial murmurou, ainda visivelmente irritado por ter sido obrigado a levá-la tão longe em vez de deixá-la passar a noite numa cela.

Eles passaram por uma placa — trezentos e oitenta quilômetros até a Cidade V. Estavam chegando perto do Ermo, a zona que separava a capital do resto de Veracidade. *Um fosso*, pensou Kate, *com seus próprios monstros*. Não havia nenhuma fronteira definida, mas dava para perceber a mudança, como o contorno de uma costa, o terreno se inclinando, ainda que continuasse plano. As últimas cidadezinhas davam lugar a campos desolados e o mundo passava de silencioso a *vazio*.

Mais alguns quilômetros de silêncio penoso — o guarda se recusava a ligar o rádio — até uma estrada secundária quebrar a monotonia da reta principal. A viatura entrou nela; os pneus deixaram o asfalto e pararam ruidosamente no cascalho.

A chama da expectativa tremulou imprecisa no peito de Kate enquanto o guarda iluminava os arredores com os faróis de RUV. Eles não estavam sozinhos. Um veículo preto esperava à beira da estrada estreita; os únicos sinais de vida eram os faróis de RUV, o vermelho das luzes de freio e o ronco baixo do motor. O círculo de luz da viatura em que Kate estava iluminou as janelas matizadas do outro veículo e pousou sobre o aparato de metal capaz de lançar cem mil volts em qualquer coisa que chegasse perto demais. *Aquele* era um veículo projetado para atravessar o Ermo — e o que quer que espreitasse lá.

Kate deu o mesmo sorriso que Nicole abrira diante da igreja — presunçoso, sem mostrar os dentes. Não um sorriso feliz, mas vitorioso. O guarda saiu, abriu a porta de trás e a puxou pelo cotovelo para fora. Ele soltou as algemas, resmungando sozinho sobre política e privilégios enquanto Kate esfregava os punhos.

— Posso ir?

Ele cruzou os braços. Ela interpretou como um sim e começou a andar em direção ao outro veículo, então se virou e estendeu a mão.

— Você está com uma coisa minha — disse.

O guarda não se moveu.

Kate estreitou os olhos e estalou os dedos. O homem olhou para o tanque do carro que roncava atrás dela antes de tirar o isqueiro prateado do bolso.

A garota fechou a mão em torno do metal liso e virou as costas, mas não antes de ouvir “vaca” com o ouvido bom. Não se deu ao trabalho de olhar para trás. Subiu no veículo, afundou-se no banco de couro e ouviu o som da viatura policial indo embora. O motorista à sua frente estava no celular. Ele encarou Kate pelo retrovisor.

— Sim, estou com ela. Tudo bem. Toma. — Ele passou o celular para Kate pela divisória, e o coração dela acelerou enquanto o pegava e o levava à orelha esquerda.

— *Katherine. Olivia. Harker.*

A voz do outro lado era um trovão baixo, um terremoto leve. Baixa, mas vigorosa. O tipo de voz que exigia respeito, se não medo, o tipo de voz que Kate praticava havia anos, mas ainda lhe dava calafrios involuntários.

— Oi, pai — ela disse, com o cuidado de manter a voz firme.

— Está orgulhosa de si mesma?

Ela examinou as unhas.

— Bastante.

— São seis com a St. Agnes.

— Hum? — ela murmurou, fingindo distração.

— Seis escolas. Em cinco anos.

— Bom, as freiras diziam que eu poderia conseguir tudo o que quisesse se me dedicasse. Ou será que foram os professores da Wild Prior? Estou começando a confundir...

— *Chega*. — A palavra era como um soco no peito. — Você não pode continuar fazendo isso.

— Eu sei — ela disse, esforçando-se para ser a Kate certa, aquela que queria ser perto dele, aquela que *merecia* estar perto dele. Não a menina deitada no campo ou chorando no carro antes do acidente. A que não tinha medo de nada. De ninguém. Nem mesmo dele. Ela não conseguiu abrir aquele sorriso presunçoso, mas o imaginou e reteve a imagem em mente. — Eu sei — Kate repetiu. — Deve estar ficando difícil acobertar minhas proezas. E caro.

— Então por que...

— Você sabe o porquê, pai — ela disse, cortando-o. — Você sabe o que quero. — Ela o ouviu suspirar do outro lado da linha e recostou a cabeça no banco de couro. O teto solar do veículo estava aberto, e Kate conseguia ver as estrelas pontilhando a escuridão. — Quero ir pra casa.

August

TUDO COMEÇOU COM UMA EXPLOÇÃO.

August leu as palavras pela quinta vez, sem prestar atenção. Ele estava sentado diante do balcão da cozinha, rolando uma maçã com uma das mãos e segurando o livro sobre o universo com a outra. A noite havia se espalhado do outro lado das janelas reforçadas de aço do complexo, e ele conseguia sentir o chamado da cidade através das paredes. Olhou o relógio no punho; a manga da camisa estava um pouquinho levantada, revelando a parte mais baixa das marcas pretas de contagem. A voz de sua irmã vinha do outro cômodo, mas as palavras não eram direcionadas a ele. Dezenove andares abaixo, ele conseguia ouvir o ruído de vozes sobrepostas, o ritmo das botas, o estalo metálico de uma arma sendo carregada e mil outros fragmentos de sons que formavam a música do complexo Flynn. August forçou sua atenção de volta ao livro.

Tudo começou com uma explosão.

As palavras o lembraram de um poema de T. S. Eliot, “Os homens ocios”. *Não com uma explosão, mas com um suspiro.* Um estava falando da origem da vida e o outro, do fim, mas isso fez August refletir sobre o universo, sobre o tempo, sobre si mesmo. Os pensamentos foram caindo como peças de dominó, uma derrubando a outra e a outra e a...

August ergueu a cabeça um instante antes da porta de aço da co-

zinha abrir e Henry entrar. Henry Flynn, alto e magro, com mãos de cirurgião. Vestia a camuflagem escura que era o uniforme da Força-Tarefa, com uma estrela prateada na camisa — uma estrela que tinha sido de seu irmão e, antes dele, de seu pai e, antes, de seu tio-avô e assim por diante até cinquenta anos no passado, antes do colapso, da reconstrução, da fundação de Veracidade e provavelmente antes ainda, porque os Flynn *sempre* estiveram no coração palpitante da cidade.

— Oi, pai — August disse, tentando não demonstrar que havia passado a noite toda esperando por aquele momento.

— August — disse Henry, colocando o UVAD, o raio ultravioleta de alta densidade, no balcão. — Como está indo aí?

Ele parou de rolar a maçã, fechou o livro e obrigou-se a sentar imóvel, ainda que um corpo imóvel implicasse uma mente agitada — alguma coisa a ver com potencial e energia cinética, se tivesse de arriscar; tudo o que sabia era que se tratava de um corpo em busca de movimento.

— Você está bem? — Henry perguntou quando o filho não respondeu.

August engoliu em seco. Não conseguia mentir, então por que era tão difícil falar a verdade?

— Não aguento mais — ele disse.

Henry olhou para o livro.

— Astronomia? — perguntou com falsa leveza. — Então pare um pouco.

August encarou o pai. Henry Flynn tinha um olhar gentil e uma boca triste, ou um olhar triste e uma boca gentil; o garoto não sabia dizer. Os rostos tinham tantos traços, infinitamente divisíveis, e, no entanto, todos se somavam em expressões únicas e identificáveis, como orgulho, repulsa, frustração, cansaço... Ele estava perdendo a linha de raciocínio de novo. Esforçou-se para recuperá-la antes que fosse tarde demais.

— Não estou falando do livro.

— August... — Henry começou, porque já sabia onde o filho queria chegar. — Não vamos ter essa discussão de novo.

— Mas se você só...

— A Força-Tarefa está *fora de cogitação*.

A porta de aço abriu novamente. Emily Flynn entrou com uma caixa de materiais e a apoiou no balcão. Ela era um pouco mais alta que o marido, com ombros mais largos, pele escura, cabelo curto e um coldre no quadril. Marchava como um soldado, mas tinha o mesmo olhar triste e queixo firme de Henry.

— De novo não — ela disse.

— Vivo cercado pela Força-Tarefa — August insistiu. — Sempre que saio, me visto como um deles. Seria uma mudança tão grande *ser* um deles?

— Sim — Henry disse.

— Não é seguro — Emily acrescentou enquanto tirava comida da caixa. — Ilsa está no quarto? Pensei que a gente poderia...

Mas August não desistiu.

— Nenhum lugar é *seguro* — ele interrompeu. — Essa é a questão. Vocês estão lá fora arriscando a vida todos os dias contra aquelas *coisas* e eu fico aqui lendo sobre estrelas, fingindo que está tudo bem.

Emily balançou a cabeça e tirou uma faca de uma abertura no balcão. Começou a cortar os legumes, dando ordem ao caos, uma fatia por vez.

— O complexo é seguro, August. Pelo menos mais do que as ruas.

— É por isso que eu deveria estar ajudando na zona vermelha.

— Você faz sua parte — Henry disse. — Isso é...

— Do que vocês têm tanto medo? — August retrucou.

Emily soltou a faca no balcão com um estrépito.

— Precisa mesmo perguntar?

— Você acha que vou me machucar? — E então, antes que ela tivesse a chance de responder, August estava em pé. Em um único movimento fluido, pegou a faca e a levou em direção à própria mão. Henry se contraiu e Emily inspirou fundo, mas a lâmina deslizou pela pele de August como se ela fosse de pedra. Ele cravou a ponta da faca na tábua de corte do balcão. A cozinha ficou em silêncio. — Vocês agem como se eu fosse feito de vidro — ele disse, soltando a faca. — Mas não sou. — August pegou as mãos da mãe, da maneira como tinha visto Henry fazer tantas vezes. — Emily — ele disse, com a voz suave. — Mãe. Não sou frágil. Sou o *contrário* de frágil.

— Mas não é invencível — ela disse. — Não...

— Não vou deixar você ir lá pra fora — Henry interrompeu. — Se os homens de Harker pegarem você...

— Vocês deixam o Leo liderar a Força-Tarefa — August argumentou. — Seu rosto está em cartazes colados por toda parte e ele ainda está vivo.

— É diferente — Henry e Emily disseram ao mesmo tempo.

— Diferente como? — August questionou.

Emily encostou as mãos no rosto do filho, como fazia quando ele era criança — embora “criança” não fosse a palavra certa. Ele nunca tinha sido uma, não de verdade. Crianças não aparecem crescidas em meio à cena de um crime.

— Só queremos proteger você. Leo faz parte da campanha desde o primeiro dia. Mas isso faz dele um alvo *constante*. E, quanto mais terreno ganharmos nesta cidade, mais os homens de Harker vão tentar explorar nossas fraquezas e roubar nossas forças.

— E o que eu sou? — perguntou August, afastando-se. — Sua fraqueza ou sua força?

Os olhos castanhos e afetuosos de Emily estavam arregalados e sem emoção quando ela respondeu.

— Os dois.

Tinha sido injusto fazer aquela pergunta, mas a verdade doía mesmo assim.

— Por que está pedindo isso? — Henry indagou, esfregando os olhos. — Você não quer lutar.

O pai estava certo, August não queria — nem lutar nas ruas na calada da noite nem brigar com sua família —, mas sentia uma vibração terrível em seus ossos, algo tentando sair, uma melodia que ficava cada vez mais alta em sua cabeça.

— Não — ele disse. — Mas quero *ajudar*.

— Você já ajuda — Henry insistiu. — A Força-Tarefa só pode cuidar dos sintomas. Você, Ilsa e Leo tratam a doença. É assim que funciona.

Mas não está dando certo!, August queria gritar. A trégua da CidadeV existia havia apenas seis anos — Harker de um lado e Flynn do outro — e já estava desgastada. Todos sabiam que não ia durar. A cada noite, a morte rastejava Fenda adentro. Havia monstros demais e bons homens de menos.

— Por favor — ele pediu. — Posso fazer mais se me deixarem.

— August... — Henry começou.

O garoto ergueu a mão.

— Só me prometa que vão pensar a respeito. — E, dito isso, saiu da cozinha antes que seus pais fossem obrigados a lhe dizer a verdade.

O quarto de August era um exercício de entropia e ordem, uma espécie de caos controlado. Era pequeno e sem janelas, e seria claustrofóbico se não fosse tão familiar. Fazia tempo que os livros não cabiam mais nas prateleiras e ficavam amontoados em pilhas ao redor da cama. Havia vários abertos, com as páginas para baixo, em